

Dart deve aceitar acordo com o Brasil

Dívida Externa
NELSON LUIZ DE OLIVEIRA

21 OUT 1993 AE

BRASÍLIA — Os negociadores brasileiros da dívida externa estão apostando que o grupo norte-americano Dart não vai levar à frente a briga com o Brasil e o Comitê de Bancos Credores. Segundo uma fonte do governo, ao perceber que pode ser excluída do acordo de US\$ 35 bilhões, a família Dart vai preferir aceitar as regras acertadas entre o Brasil e o comitê para a troca dos contratos velhos pelos novos bônus.

A exclusão dos Dart deixaria o grupo com um "mico" (papéis que ninguém quer) na mão, uma vez que o mercado passaria a valorizar preferencialmente os novos bônus renegociados com cerca de 900 bancos.

Oficialmente, o negociador da dívida externa brasileira, André Lara Resende, e o presidente do Banco Central, Pedro Malan, afirmam que não interessa ao País fechar um acordo que não inclua os Dart. O grupo é detentor de créditos no valor de US\$ 1,4 bilhão.

Malan e Resende foram apresentar aos membros da Comissão de Assuntos Econômicos as opções de refinanciamento feitas pelos bancos que detêm 95,11% dos US\$ 35 bilhões devidos pelo Brasil aos credores privados.

As instituições respeitaram os limites mínimos e máximos fixados pelo Brasil para a utilização dos bônus de desconto e bônus ao par — 35% e 40%, respectivamente. A família Dart, proprietária de indústrias e não de bancos, quer refinarçar seus créditos usando apenas bônus de capitalização



Malan quer os Dart no acordo

(que oferecem conversão ao par e juros fixos, mais atrativos do que as demais opções). Se a pretensão dos Dart for aceita, os bancos terão de aumentar suas opções em bônus de desconto e oferecer mais vantagens ao Brasil do que planejaram. Mesmo apostando na desistência do grupo norte-americano, os negociadores brasileiros sabem que há uma chance do grupo optar por receber seus créditos na Justiça.

Mas uma fonte oficial acha que os Dart também não levariam vantagem por aí. Se conseguir cobrar judicialmente o que o Brasil deve de juros atrasados pelos contratos antigos, o grupo norte-americano receberá menos que os US\$ 300 milhões que já lucrou pela compra dos contratos antigos por 30% do valor de face.